

Aline Alves Oliveira e Vasconcelos

Mestranda em Educação com Especialização em
Formação de Professores pela
Universidad Europea Del Atlántico da Espanha

Maria do Socorro Alves Oliveira

Mestranda em Educação com Especialização em
Formação de Professores pela
Universidad Europea Del Atlántico da Espanha

Tatiane Maria Barbosa

Mestranda em Educação com Especialização em
Formação de Professores pela
Universidad Europea Del Atlántico da Espanha

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa visa a transformação, inovação, a afetividade e os mecanismos metodológicos, a inclusão, a tecnológicos utilizados pelos profissionais da área educacional do ensino fundamental dos anos finais e, como essas alternativas afetivas podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem entre professor e aluno, evitando conflitos e evasão, e neste processo estimular a aquisição de conhecimentos dos seus direitos e deveres. Trata de alternativas que podem ser usadas em sala de aula pelos docentes para melhor expor seus conteúdos e fazer com que esses sejam mais facilmente assimilados pelos discentes. Além de tudo, buscando caminhos que tornem as aulas mais dinâmicas e procurando despertar o interesse tanto do professor quanto do aluno, dando ênfase à afetividade e ao diálogo como processo de ensinar-e-aprender. Ressalta-se que muitas das alternativas sugeridas terão mais eficácia se forem desenvolvidas em conjunto com a capacidade da criatividade do docente. Através desse processo participativo, colaborativo e midiático entre professor e aluno pretende-se ao mesmo tempo ter uma melhor avaliação do rendimento tanto dos estudantes como dos docentes.

Palavras-chave: afetividade; transformação; inclusão; formação de professores.

INTRODUÇÃO

Este trabalho contém um estudo sobre: Afetividade como processo de aprendizagem e transformação no contexto atual. Cujo objetivo surgiu da necessidade de questionar e levantar possibilidades para tornar funcional a educação dos estudantes dentro da comunidade escolar, através da

afetividade, visto que há incoerência entre prática e teoria o que faz com que os alunos desistam da escola, aumentando o índice de evasões e reprovações.

Através do estudo da Constituição Federal (1988), da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB e das Diretrizes Curriculares Nacionais – DCNs, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC e autores que caminham para a permanência dos estudantes no ambiente escolar. No campo familiar é desenvolvido os primeiros afetos educacionais, a família que é a base da sociedade.

A falta de carinho com que os docentes tratam os alunos, leva esses educandos a desistirem de estudar ou até mesmo a frequentarem a escola pelo simples fato de um certificado de conclusão de curso, porém sem nenhuma perspectiva de vida.

Uma preocupação fundamentada na preocupação de se refletir sobre um fazer educativo que atenda às necessidades dos educadores que trabalham com esse público de adolescentes e jovens; Um fazer educativo pensado, preparado e realizado sempre “respeitando os sonhos, as frustrações, as dúvidas, os medos, os desejos dos educandos”, como diz Paulo Freire (Moacir Gadotti, 2006).

O diálogo é o melhor caminho para transitar por essas fronteiras difusas entre os distintos campos de conhecimento que, de forma geral, preocupam os educadores e a sociedade. Pelo diálogo é possível buscar o equilíbrio entre interesses particulares e antagônicos que sustentam as disciplinas e os campos específicos de conhecimento.

Também é preciso desenvolver essa clientela e incluí-la no processo de ensino e aprendizagem, analisando os desafios sociais, econômicos e tecnológicos das sociedades contemporâneas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A FAMÍLIA – BASE DA CIDADANIA

Por mais bem preparada que seja uma escola, por mais programas sociais e educacionais que ela tenha nada substitui o afeto e o carinho da família. A família é o conjunto de pessoas que se mantém unidas pelo desejo de estarem juntas, apoiando umas às outras, tentando construir algo em comum, com o objetivo de se completarem. Nada pode ser mais valioso que um abraço de uma mãe quando o filho sai de casa. Nada pode ser mais frustrante e desolador do que a ausência de uma família. É no seio familiar que os filhos são estruturados e socializados, independentemente do nível socioeconômico. A violência contra a criança, os maus tratos, por exemplo,

acontecem em qualquer classe social, e isso é uma questão de afetividade, a diferença está na capacidade da família estabelecer esses vínculos afetivos para unir-se no amor e nas frustrações.

A família é a melhor parte da sociedade que pode existir para o desenvolvimento pessoal de cada indivíduo. Nela está a preparação para a introdução do indivíduo na sociedade. É nela que se forma o caráter.

A Constituição Federal no artigo 5º a qual determina que a educação, direito de todos e dever do estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Neste processo a participação da família é muito importante no desenvolvimento educacional, sendo compensador para os pais ver o sorriso de um filho na culminância dos projetos executados através da dança, teatro, se desenvolvendo e socializando num determinado período de tempo no convívio escolar e sendo protagonista do seu próprio sucesso.

A ausência da família deixa uma lacuna, uma carência muito difícil de ser suprida por parte da escola. Por mais que os projetos sejam interessantes e atrativos, aqueles adolescentes e jovens que perderam alguém da família, sempre vai ter uma certa reserva, um distanciamento nas atividades lúdicas e recreativas. É notório que a ausência familiar influencia de sobre maneira no rendimento escolar dos alunos.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB no seu artigo 2º - afirma que a educação é direito de todos e dever da família e do Estado, cabendo aos pais, na idade própria, matricular seus filhos na rede escolar, cumprindo ao Estado a responsabilidade de oferecer vagas e condições adequadas de ensino. Segundo este mesmo artigo as bases devem desenvolver os pilares da Educação Brasileira.

Além do incentivo, a presença da família na vida dos estudantes tem um papel social de suma importância. O conceito familiar neste novo século globalizado está em falido. Segundo Gabriel Chalita:

“Já se tentaram várias fórmulas, regimes políticos e sistemas filosóficos para organizar de outro modo o triângulo pai-mãe-filho. Os comunistas tiveram suas novidades nesse sentido. No nazismo, ensaiou-se o plantel dos espécimes perfeitos. Nada substituiu o velho lar. A educação por conta do Estado e de instituições não funciona.” (2001 p.18).

Nada substitui a família. A escola é uma continuação do lar, é um meio social que estimula nos alunos a socialização. A mesma tem a preocupação de fazer com que a sala de aula seja uma extensão da casa em que os alunos vivem, atrai, agrada e lhe dá segurança. Não se pode deixar de conhecer a vida do aluno antes da escola, seu convívio familiar, sua origem, a fim de evitar um constrangimento ou sofrimento para aqueles discentes que já tem problemas familiares.

Chalita ainda vai mais a fundo na questão de que a família é a base para a educação. Ele diz que: “ A família tem a responsabilidade de formar o caráter, de educar para os desafios da vida, de perpetuar valores éticos e morais.”(2001.p.20). O filho que cresce num lar de violência, observando o pai espancando a mãe, o pai ou a mãe roubar, vendo o irmão mais velho usando drogas, ele terá um espelho, algo que o sujeito vai tentar imitar, mais cedo ou mais tarde, torna-se assim mais um na sociedade desestruturado e conseqüentemente negligente com a vida.

Contudo, aquele filho que vive num ambiente harmonioso, que prevalece o respeito, a união, o amor, este terá um rendimento escolar maior e cobrará mais do educador o afeto e o carinho que ele recebe em casa. É nesse momento que o professor deverá estar apto a cumprir seu papel que é de preparar o estudante para a vida, ajudando-o a tornar-se cidadão participativo e consciente.

AFETIVIDADE O CAMINHO PARA A TRANSFORMAÇÃO

“ A afetividade é a dinâmica mais profunda e complexa de que um ser humano pode participar. Inicia-se a partir do momento em que um sujeito se liga ao outro pelo amor – sentimento único que traz no seu núcleo um outro, também complexo e profundo: o medo da perda.” (autor desconhecido)

Ninguém pode viver sem amor. O amor embeleza tudo. Por mais pobre e mal vestida que esteja uma mãe, por exemplo, ela é bonita quando está amamentando seu filho. Uma dona de casa, mesmo com a aparência prejudicada pelas tarefas domésticas, ela é bonita quando está olhando as prateleiras do supermercado, pensando no que comprar dentro do seu pequeno orçamento, a fim de preparar um delicioso prato para sua família. O amor é belo, tudo se torna belo quando existe amor. Das pessoas sem amor que só trazem ódio dentro de si, não emana beleza alguma, por mais bela que seja sua aparência. As novelas e os filmes mostram muito bem isso: geralmente o bandido ou o vilã é uma linda jovem loira ou um lindo rapaz moreno, alto, malhado, que despista a atenção do seu caráter para seu porte físico. As belezas da natureza são obras de Deus, podemos dizer que as pessoas que amam verdadeiramente o ser humano.

O espaço onde o professor e aluno se interagem e se encontram, em torno do conhecimento é a sala de aula. A dinâmica da sala de aula, constituída por essa interação, é em grande parte decorrente da forma como o professor vê o processo de ensino-aprendizagem. A ideia que existia antigamente de que os alunos como pessoas relativamente fáceis de serem moldadas e dirigidas a partir do exterior, não existe mais. Foi substituída pelo entendimento de que, ao contrário, eles selecionam determinados aspectos do meio físico e social, os assimilam e processam, conferindo-lhes significados. Com isso, a concepção de aprendizagem muda radicalmente.

Se antes a aprendizagem era vista como produto quase exclusivo do comportamento do professor e da metodologia do ensino adotada, agora as contribuições dos próprios alunos são ressaltadas. Seus conhecimentos, capacidades e habilidades prévias; sua percepção da escola e do professor; suas expectativas e atitudes diante do ensino. É com crianças, adolescentes e jovens que já contam com tudo isso que o professor tem de lidar na sala de aula: uns são mais cordatos, outros mais difíceis; uns resistem. Pouco a pouco, os alunos vão se apropriando dos ensinamentos da escola, à luz do que já conhecem. Nessa medida, constroem seus conhecimentos.

É um engano pensar que a máquina vai substituir o professor. Portanto, a tecnologia avançou de uma tremendamente rápida no meio educacional. O nosso tempo é tecnológico, toda informação é transmitida em segundos, e neste processo o educador deve estar constantemente atualizado. Só tem uma coisa que a máquina não pode fazer e não tem é o afeto. Ela não pode sentir, vê e ouvi o outro. Somente o ser humano com toda a sua imperfeição tem a capacidade de estar aberto a novas e inovadoras formas de conceber o conhecimento, e de desenvolver a sua organização e o funcionamento pedagógico. Pessoas que tem o direito de participar de maneira cidadã na história política de recriação de seu próprio mundo social.

Mas, os alunos não constroem sozinhos os seus conhecimentos. É necessária a presença do professor, a interação entre professor e aluno, aluno e colega, para que o caráter construtivo de aprendizagem apareça. Portanto, a construção do conhecimento não é um processo solitário, mas um processo coletivo que envolve alunos, professores e conteúdos da aprendizagem. Compete ao professor ajudar seus alunos a se apropriar desses conteúdos. E o maior auxílio que o professor deve dar, é perceber o aluno como sujeito do processo ensino aprendizagem. A forma como esse aluno percebido indica a ajuda real que o professor vai dar no processo.

Se o aluno for visto como competente, menores serão os direcionamentos e o nível de ajuda fornecido pelo professor. E, da mesma forma, se o estudante for visto com uma percepção de menor competência, maior deverá ser a ajuda e o direcionamento por parte do professor. Claro que quanto maior a percepção do educador nesse sentido mais ajustado será seu auxílio e mais eficaz seu ensino. Assim, a eficácia do ensino depende, em grande parte, de quanto as intervenções realizadas pelos educadores são compatíveis com o nível de dificuldade que os alunos enfrentam: mais dificuldades, menor ajuda, até que ela se torne dispensável, pois o aluno aprendeu.

É natural que os estudantes se apeguem aos seus professores quando se trata de estudos. Desde a educação infantil os alunos costumam chamar as professoras de “tia”. Tia é a irmã do pai ou da mãe. Então, é assim que a criança se sente em relação ao seu professor, como se estivesse com sua família.

Observa-se também, que mesmo nas turmas mais avançadas, alguns alunos ainda chamam as professoras de “tia”. Esse vínculo se cria pela maneira como os educadores tratam seus educandos. Um simples gesto

de carinho, uma palavra de conforto, um elogio a uma atividade bem-feita, são suficientes para cativar os alunos.

Quando existe um esforço maior, um trabalho de investigação da leitura de mundo desse discente, suas origens, seus problemas familiares, são elementos fundamentais para a transformação dos mesmos. Que história de vida eles têm? Já usou substâncias lícitas e ilícitas? Tem uma boa convivência familiar? É amado? São conversas diversas, porém não raras.

O papel transformador do professor começa assumir a sala de aula. Ele tem por obrigação tentar minimizar o sofrimento daqueles alunos que estão ali, pois se procuraram a escola, é porque necessitam de apoio, querem uma nova oportunidade. E lá, na escola, eles poderão se transformar, inovar-se, dependendo da atuação dos mediadores como desenvolve os alunos. E o afeto, o amor, o carinho, são elementos primordiais para essa transformação.

Não há educação transformadora sem amor. Não há afetividade sem amor. O amor é a mola mestra desse trabalho diário, dessa luta que o professor trava com ele próprio para encontrar o caminho que penetrará no íntimo dos alunos que estão sob sua orientação.

Nada é mais valioso para o professor do que utilizar como base de uma educação de qualidade e libertária a própria história de cada aluno. Segundo Paulo Freire essa afirmativa aborda sobre os direitos de qualquer cidadão da participar de maneira cidadã na história política de recriação de seu próprio mundo social:

Um pensador consciente e um agente profissional envolvido em um trabalho político- revolucionário mesmo- de transformação social através da cultura, tornado possível, concretamente, por meio do exercício de um novo modelo de educação.

Em um ambiente escolar deve-se evitar a centralização de exigência de disciplina, trabalhos repetitivos, pesquisas obrigatórias, necessitando trabalhar-se mais a parte ética e afetiva, sem excluir a didática-metodológica para o ensino satisfatório dos conteúdos específicos do Magistério, objetos de sala de aula com o futuro aluno.

É necessário uma educação transformadora e progressiva, que esteja contra a morte, a injustiça as indiferenças. Segundo Paulo Freire deixemos que sua leitura complete essas ideias:

[...] Não é possível refazer esse país, democratizá-lo, humanizá-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.

AFETIVIDADE E INCLUSÃO NO PROCESSO ESCOLAR

Em relação as Diretrizes Curriculares Nacionais trazem uma perspectiva sobre o Curso de Pedagogia, onde reforça a importância dos acadêmicos estarem aptos a: “IV– reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas; “(BRASIL, 2006, p.2).

Nos dias atuais tem sido um desafio para os educadores responderem qual a maneira ou soluções de como desenvolver em salas de aulas suas metodologias, e que respondam à questão do acesso e permanência dos alunos no processo de inclusão nas instituições educacionais.

Para responder sobre a questão da permanência do aluno em sala de aula, será necessário que o educador reveja as suas metodologias, a maneira como se comunica com seus alunos e o que de novo está buscando para enriquecer seus conhecimentos. É necessário que a escola tenha conhecimento sobre o que é inclusão e afetividade, e da qual maneira elas se articulam no ambiente escolar. Neste contexto cabe citar o trabalho de Luck (1983:20) que afirma que:

Mesmo tratando-se de comportamentos predominantemente psicomotor, como é o caso dos exercícios físicos e da realização de trabalhos manuais, nem por isso deixam de estar menos presentes os componentes afetivo e cognitivo. As emoções fazem com que as glândulas suprarrenais sejam estimuladas e lancem na corrente sanguínea maior quantidade de adrenalina, o que estimula o ritmo da respiração e das batidas do coração que, por sua vez, levam o fígado a liberar maior quantidade de glicose para o sangue de maneira a alterar o metabolismo e a possibilitar ao homem maior dispêndio de energia. (p.20)

Com base neste contexto acima, é importante que as escolas estabeleçam estratégias educacionais que permitam mais desenvolvimento da área cognitiva, e enfatizando as emoções, sentimentos para torná-los em uma aprendizagem mais prazerosa e unificada.

O processo de inclusão está intimamente ligado as relações afetivas. Assim, o estudante no âmbito escolar está rodeado de atitudes afetivas sentirá acolhido.

A inclusão escolar está diretamente articulada a movimentos mais amplos, que exigem maior igualdade e mecanismos mais equitativos no acesso a bens e serviços. Para Bobbio, igualdade natural não tem um significado unívoco.

Mesmo quem defende o igualitarismo até as últimas consequências entendem que não se pode ser igual em tudo. Bobbio (1997,p.25) relata que Rousseau, em seu Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens, estabeleceu uma diferenciação entre igualdades naturais e sociais.

O sujeito da aprendizagem nasce de um ser biológico e a partir das interações com a pessoa que fará o papel de mãe, mediadora da cultura, começa a fazer as aprendizagens iniciais.

A primeira aprendizagem estão relacionadas aos aspectos afetivos, pois nesta interação o sujeito começa a criar vínculos maternos e paternos, com entes queridos, com o mundo cultural e familiar.

O segundo Visca (1999), ele dá um novo passo no esquema evolutivo da aprendizagem ligadas às diferentes visões de mundo e aos valores sociais, éticos e culturais.

A interação do sujeito com o mundo é muito importante, porque a aprendizagem não é linear, ela se desenvolve de forma de espiral. Todos os nós continuamos aprendendo vínculos, revendo valores, aprendendo assistematicamente e, também sistematicamente, se nos encaminhamos para instituições de ensino.

A mediação da aprendizagem é realizada em vários âmbitos: familiar, escolar, religioso, profissional e outros.

Mediar a ação de aprender no âmbito escolar é a grande tarefa do educador e por isso considera-se importante essa conversa sobre o aprendiz e o processo de aprendizagem.

Para instaurar uma condição de igualdade nas escolas não se concebe que todos os alunos sejam iguais em tudo, como é o caso do modelo escolar mais reconhecido ainda hoje. Temos de considerar as suas desigualdades naturais e sociais, e só estas últimas podem e devem ser eliminadas.

Através do diálogo que transitamos por essas fronteiras difusas que preocupam os educadores e a sociedade. Pelo diálogo é possível buscar o equilíbrio entre interesses particulares e antagônicos que sustentam as disciplinas e os campos específicos de conhecimento. A inclusão escolar está articulada a movimentos sócias mais amplos, que exigem maior igualdade e mecanismos mais equitativos no acesso a bens e serviços. Ligada a sociedade democrática que estão pautadas no mérito individual e na igualdade de oportunidades, a inclusão propõe a desigualdade de tratamento como forma de restituir uma igualdade que foi rompida por formas segregadoras de ensino especial e regular.

É necessário que neste quadro educacional as escolas tenham o sentido de mudanças na sua organização pedagógica, de modo a reconhecer e valorizar as diferenças, sem discriminar os alunos nem os segregar.

Para que a escola cumpra sua função de facilitar o acesso ao conhecimento e

promova o desenvolvimento de seus alunos, é fundamental que todos estejam envolvidos no processo de ensino-aprendizagem: professores, equipe gestora, alunos, pais e comunidade em geral, e todos estejam de acordo sobre a maneira como se desenvolve esse processo.

Para tanto, faz-se necessário identificar o aluno como sujeito ativo do processo, levando-o a construir seu próprio saber e posicionando-se contra formas de ensino tradicionais, nas quais os estudantes recebem do professor

o conhecimento em uma versão pronta e acabada. Ao adotar uma nova postura diante do ensino, é necessário conhecer os pressupostos básicos da construção do conhecimento na escola, bem como os fatores que facilitam a aprendizagem daqueles que a frequentam. É de suma importância que a escola deva preocupar-se em preparar educadores conscientes de que os estudantes, para quem admiram um desenvolvimento pleno de suas potencialidades, precisam manter relações com indivíduos que compreendam sua subjetividade e características de cada faixa etária.

Saltini (1997:73), a esse respeito, afirma que:

O professor (educador) obviamente precisa conhecer a criança. Mas deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola.(p.73).

Espera-se que a escola seja um diferencial na vida dos seus filhos e de seus alunos, ou seja, queremos que todos os estudantes saiam da escola diferente de como nela entrou. Que saiba mais sobre o mundo, tenha autonomia, empatia, com habilidade e competências digitais.

Este é o motivo pelo qual se procura uma escola que promova o desenvolvimento afetivo entre alunos e o corpo escolar, todos os envolvidos no processo educativo percebam como se dão as relações entre desenvolvimento e aprendizagem. Estas relações são formadas por um conjunto de variadas formas de atuação que se estabelecem entre as partes. Sobre isso, Ramires (2003) explica que:

Interação é o processo através do qual a criança desenvolve a sua compreensão do ambiente social e de que seu papel nele é complexo e multifacetado: a cognição social abrange mais do que a percepção e as inferências sobre as outras pessoas, envolvendo a compreensão das relações entre os próprios sentimentos, pensamentos e ações, tanto quanto as relações entre esses fatores pessoais e os fatores correspondentes nas outras pessoas. Isso implica que, da perspectiva da cognição social, nossa compreensão da interação social depende de nossa organização dos conceitos sociais e da habilidade de integrar e coordenar perspectivas.

É um engano pensar que a máquina vai substituir o professor. Portanto, a tecnologia avançou de uma forma tremendamente rápida no meio educacional. O nosso tempo é tecnológico, toda informação é transmitida em segundos, e neste processo o educador deve-se está atualizado para esse processo educacional.

Só tem uma coisa que a máquina não pode fazer e não tem é criatividade. Ela não pode pensar como o ser humano, pelo contrário, ela faz o que o homem cria, imagina e produz. Segundo essa afirmativa de Gabriel Chalita, 2001:

“A máquina reflete e não é capaz de dar afeto, de passar emoção, de vibrar com a conquista de cada aluno. Isso é privilégio humano.” (Gabriel Chalita, 2001).

Nos últimos tempos, em que há a informação dos diversos setores de trabalho, inclusive da educação, há quem diga que o professor, como já aconteceu em muitas fábricas e em grandes empresas, será substituído pelo computador. Há que afirme que dessa forma, a informação chega mais rápido e de maneiras diversas. Porém o ser humano é insubstituível. Não há máquina, por mais moderna que reflita os sentimentos humanos, que transmita o afeto, o carinho e a atenção que um professor dá para seus alunos.

Portanto, somente o ser humano com toda a sua imperfeição tem a capacidade de estar aberto a novas e inovadoras formas de conceber o conhecimento, e de desenvolver a sua organização e o funcionamento pedagógico. Pessoas que tem o direito de participar de maneira cidadã na história política de recriação de seu próprio mundo social.

Espera-se uma educação transformadora, que tenha compromisso com a educação. Para que seja liberta é necessário que o estudante tenha posse do poder do conhecimento. Um conhecimento consciente, e não aqueles causados por terceiros, onde o medo lhe impede de expor sua opinião.

Nós somos livres, mas nos tornamos escravos da sociedade, a partir do momento que não aprendemos a construir a nossa liberdade. Se o estado não oferece escola de qualidade e nos calamos diante deste fato, não somos livres. Se o professor é enfadonho, monótono, sem criatividade, não se adequa as novas mudanças na área digital e não cobramos dele um compromisso maior, uma mudança nos seus modos de ensinar, continuamos escravos. A liberdade é uma conquista individual. Torna-se livre é mostrar que a sua opinião tem valor, que suas ideias podem ser aproveitadas, que seus projetos podem ser realizados, que seus meios tecnológicos serão aplicados no campo educacional. Calar-se diante de situações que você pode contornar é continuar escravo.

A liberdade retratada neste artigo, é aquele ser que transforma o ser humano em um ser pensante e criador.

A Base Nacional Comum e Curricular, aborda em suas competências gerais da educação básica e o reconhecimento que a “educação deve firmar nos valores e estímulos que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, justa e , também voltada para a preservação da natureza.

RESULTADOS

O presente trabalho teve como objetivo a transformação, inovação, a afetividade e os mecanismos metodológicos, a inclusão, e a tecnologia utilizados pelos profissionais da área educacional do ensino fundamental da educação básica e, analisando como essas alternativas afetivas podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem entre professor e aluno, equipe gestora e comunidade em geral, dessa maneira será possível evitar conflitos e evasão, e neste processo estimular a aquisição de conhecimentos dos seus direitos e deveres.

O conteúdo desse trabalho, da maior ênfase ao papel transformador da família, do educador e das leis educacionais. O educador tem como obrigação tentar minimizar o sofrimento daqueles estudantes que estão na escola, pois se procuram este local, é porque necessitam de uma nova oportunidade de crescer intelectualmente, socialmente e politicamente. Será neste ambiente escolar que eles poderão se transformar, criar, inovar e ampliar sua visão de mundo.

CONCLUSÃO

Educação sem afeto não é de fato educação. A escola sozinha não educa, a família é o elemento base para o sucesso da educação transformadora dos estudantes. Todos os dias algo novo se aprende e, nesse processo de ensino e

aprendizagem, a afetividade tem fundamental importância. Ninguém pode viver sem: o outro, o afeto, a inclusão, a transformação, a criatividade, a tecnologia.

É missão da família e da escola procurar meios de reestruturar os caminhos a serem trilhados pelos estudantes, a fim de que eles despertem para a verdadeira essência da cidadania, sem se corromperem diante das mazelas da vida, transformando-os de forma que eles possam estar preparados para enfrentar as lutas que travam todos os dias.

O papel transformador do professor começa ao assumir a sala de aula. Ele tem por obrigação tentar minimizar o sofrimento daqueles alunos que procuram na escola um apoio psicológico e uma nova oportunidade de mudança de vida. Um educador criativo revolucionará sua sala de aula quando de fato for aplicado a afetividade.

Tentar mudar é obrigação de todos. Um bom profissional que está em busca de algo novo, quer estar se transformando, se reciclando, procurando novas tendências e meios de tornar suas práticas educativas mais satisfatória. Seja para ele, seja para o educando. Pois, ser um educador em sua prática é estar em constante estudo da teoria para a prática vivida.

Procurou-se mostrar aqui a educação e o afeto como meios de transformação de cidadãos conscientes de seus atos e de seu real valor na sociedade. A educação também como libertadora. Somente o ser que tem uma mente aberta e consciente poderá sentir-se realmente livre. Nós nascemos livres, mas nos tornamos escravos da sociedade, a partir do

momento que não aprendemos a construir a nossa liberdade. Se o estado não oferece escola de qualidade e nos calamos diante deste fato, não somos livres. A liberdade é uma conquista de cada um. Tornar-se livre é mostrar que sua opinião tem valor, que suas ideias podem ser aproveitadas, que seus projetos podem ser realizados.

E por fim, a liberdade retratada neste artigo, trata-se daquele ser que transforma o ser humano em um ser pensante e criador, o professor esse transformador de realidades. A Base Nacional Comum e Curricular- BNCC, foi citada referente as suas competências gerais da educação básica que reconhece a “educação como um dever, firmando os valores e 6 que contribuem para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, justa e, também voltada para a preservação da natureza.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, Licenciatura**. Brasília, 2006 CAMPOS, Dinah Martins de Souza. Psicologia da aprendizagem, por Dinah Martins de Souza Campos. 39. Ed. – Petrópolis, Vozes, 2011.

Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988.

CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. 5. ed. São Paulo: Editora Gente, 2001.

BOBBIO, N. **Igualdade e liberdade**. Rio de Janeiro: Ediouro, 3ª ed., 1997.

LDB - **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996. BRASIL.

LUCK, Heloísa – Carneiro, Dorathy Gomes. **Desenvolvimento afetivo na escola**: Promoção, medida e avaliação. Rio

SALTINI, Cláudio. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro. RJ. Editora DPA, 2002.